

CONFIGURAÇÕES DO HOMOEROTISMO NAS REVISTAS *O MALHO E RIO NU*

HOMOEROTICISM CONFIGURATIONS IN THE O MALHO AND RIO NU MAGAZINES

Ronaldo Soares Farias²⁰¹

RESUMO: O presente artigo pretende discutir, de forma comparatística, as charges *Fresca Theoria* (Requerimento) e *Escabroso*, publicadas na revista *O Malho* em 1903 e 1904, respectivamente, e o conto *O menino do Gouveia*, de Capadócio Maluco, publicado em 1914, em fascículos, na revista *Rio Nu*. As charges e textos, de cunho homoerótico, sugerem um público leitor homossexual, embora as revistas fossem destinadas, a priori, ao público heterossexual. O objetivo deste estudo é analisar como as configurações homoeróticas surgem nas revistas e como elas abordam a sexualidade masculina em um período em que a sociedade burguesa reprimia as publicações pornográficas relacionadas à homossexualidade. Como referencial teórico, serão utilizadas as seguintes obras: *Além do carnaval: homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, de James Green (2000); *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*, de João Silvério Trevisan (2018); *História da Sexualidade I: A vontade de saber*, de Michel Foucault (1988), entre outras.

Palavras-chave: Revistas; *O Malho*; *Rio Nu*; sexualidade; homoerotismo.

ABSTRACT: This article examines, in a comparative manner, the cartoons “Fresca Theoria (Requerimento)” [Queer Theory (Request)] and “Escabroso” [“Scabrous”], published in 1903 and 1904 respectively, in the *O Malho* magazine, and the short-story “O menino da Gouveia” [“The boy from Gouveia”], by Capadocio Maluco, published in fascicles in 1914 in the *Rio Nu* magazine. The cartoons and texts, of a homoerotic nature, suggest a homossexual reading public, although the magazines were a

²⁰¹ Doutorando em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás-UFG. Professor da Secretaria de Educação do Estado de Goiás e dos cursos de Letras e Pedagogia da Faculdade Ideal de Brasília - UNIDEAL.

priori directed to the heterosexual reading public. The aim is to analyze how the homoerotic configurations appear in the magazines and how they approach the masculine sexuality in a time when the bourgeois society repressed pornographic publications related to homosexuality. This study uses, as theoretical reference, the following works: *Beyond Carnival: Male Homosexuality in Twentieth-Century Brazil* (James Green, 2000); *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade [Libertines in heaven: the homosexuality in Brazil from colony times to the present]*, by Joao Silverio Trevisan (2018); *História da Sexualidade I: vontade saber [History of Sexuality I: The Will to Knowledge]*, by Michel Foucault (1988), among others.

Keywords: Magazines; *O Malho*; *Rio Nu*; sexuality; homoeroticism.

“Eu não ofereço a outra face²⁰²
Ofereço o cu companheiro”
Pedro Lemebel

1 Introdução

O presente artigo discute, de forma comparatística, as charges *Fresca Theoria* (Requerimento) e *Escabroso*, publicadas na revista *O Malho*, em 1903 e 1904, respectivamente, e do conto *O menino do Gouveia*, de Capadócio Maluco, publicado em 1914 na revista *Rio Nu*. Essas publicações traziam textos pornográficos e relatos, muitas vezes cômicos, da vida dos cariocas, moldada pelo modelo europeu. Sua relevância está no sentido de levar a pensar como, apesar do cunho homoerótico, essas charges foram publicadas em revistas cujos leitores eram homens, predominantemente heterossexuais, provenientes de uma sociedade burguesa, machista e preconceituosa.

Alguns números da revista *Rio Nu* serão analisados com o propósito de encontrar indícios da temática do homoerotismo em anúncios, relatos, poemas e charges que a ilustravam. Uma hipótese é a de que havia publicações subliminares sobre o homoerotismo que deixava entrever a possibilidade da publicação de um ou outro conto que retratasse a homossexualidade da época; a outra é a de que havia um

²⁰² “Yo no pongo la otra mejilla / Pongo el culo compañero”. Trecho do Manifiesto Hablo por mi diferencia, por Pedro Lemebel (1986), tradução nossa.

público leitor do conto *O menino do Gouveia*. Além disso, a revista era mantida com a venda dos fascículos publicados semanalmente, característica que implica um público que se interessava pela leitura de textos de cunho homoerótico.

Os conceitos de erotismo, pornografia e obscenidade serão discutidos neste trabalho para delinear as instâncias que os separam ou se aglutinam no conto *O Menino do Gouveia* e nas charges da revista *O Malho*. Parte dos trabalhos publicados sobre o conto *O Menino do Gouveia* o classifica como pornográfico, homoerótico pornográfico ou somente homoerótico, conceitos que serão discutidos com a finalidade de ampliar a discussão sobre os mesmos, bem como promover uma reflexão sobre a necessidade de tentar encaixar ou classificar as obras literárias nessas nomenclaturas.

Ao longo dos séculos, a homossexualidade esteve relegada à obscuridade, ao pecado mortal, o que acabou fomentando o ódio contra os homossexuais, e a palavra de ordem era proibir e interditar qualquer ato ou discurso que viesse a “desmoralizar” a igreja e a sociedade. Essas interdições estão pautadas em

[...] três grandes códigos explícitos – além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião – regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Eles fixaram, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos eles estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as violências que o acompanhavam. (FOUCAULT, 1988, p. 44)

Nesse contexto de interdição, pode-se citar a execução do bispo de Waterford, John Atherton²⁰³, acusado de sodomia²⁰⁴. Casos como esse, segundo Alexandrian (1993), eram muito comuns nos países que adotavam as crenças judaico-cristãs.

²⁰³ O bispo foi executado em Dublin em outubro de 1640 (ALEXANDRIAN, 1993, p. 359).

²⁰⁴ A palavra sodomia tem origem na descrição bíblica que faz alusão a destruição da cidade de Sodoma e Gomorra. Segundo o dicionário Aurélio, *sodomia* significa Cópula Anal (FERREIRA, 2010, p. 707).

Diante das proibições da igreja e do próprio Estado, “[...] o homossexual, considerado como um maldito, envolvido pela reprovação popular, não tinha nenhuma vontade de revelar suas aventuras abertamente” (ALEXANDRIAN, 1993, p. 359). No entanto, apesar de toda repressão, principalmente por parte da igreja, as relações homossexuais não deixaram de existir e passaram a ser consideradas menos graves caso os relacionamentos fossem mantidos em segredo. Para muitos segmentos da sociedade, as relações homoeróticas são vistas como uma transgressão, tendo como parâmetro as relações heterossexuais. Todavia, para Bataille (2013, p. 87), “[...] não há interdito que não possa ser transgredido. Frequentemente a transgressão é admitida, muitas vezes ela é até prescrita”.

O século XVII foi uma época de repressão e interdição dos discursos sobre o sexo, que podiam, conforme Alexandrian (1993), perturbar a paz das famílias. Assim, “[...] sem mesmo ter que dizê-lo, o pudor moderno obteria que não se falasse dele, exclusivamente por intermédio de proibições que se completam mutuamente: mutismos que, de tanto calar-se impõe o silêncio. Censura”. (FOUCAULT, 1988, p. 23)

Entretanto, mesmo com essa intolerância, alguns escritores ousaram e escreveram sobre a temática homossexual. Meleagro de Gádara, poeta do século I a.C., escreveu poemas com a temática homoerótica, os quais se encontram principalmente no livro XII da Antologia Palatina. Alguns dos poemas falam sobre os amores de Meleagro por rapazes, em especial o seu preferido, Myskos, deixando transparecer sentimentos de prazer e de angústia.

É encantador, o menino, e por causa de seu nome ele me é doce, Myskos, e gracioso, a fim de que eu não tenha nada que me impeça de amá-lo.

Pois ele é belo, por Kypris! Belo por inteiro. E se ele me aflige, é porque Eros sabe misturar o amargo ao mel. (LES POÉSIES DE MÉLÉAGRE *apud* ALEXANDRIAN, 1993, p. 19)

Nos séculos XVII e XVIII, o poema era o meio mais utilizado para que o eu lírico expressasse as temáticas da homossexualidade e, não raro, havia livros que descreviam, em tom de autobiografia, a homossexualidade dos escritores. Em 1939, Marcel Jouhandeau escreveu o romance *De l'abjection*, falando da própria homossexualidade e confessando que se sentia um verdadeiro abjeto por se deitar com

qualquer homem. O autor não compreendia a própria homossexualidade e buscava explicações para sua “perversão”, por entender que estava acometido por demônios e, por isso, tinha a chance de ser salvo por Deus. Essa incompreensão atormentava os rapazes que não sabiam de onde aflorava o desejo por pessoas do mesmo sexo.

Segue um desenho publicado em uma das páginas da novela erótica *Tirésias*, de Marcel Jouhandeau, em 1954.



...o tempo fala comigo no ouvido, quando ele não está mais lá.
Se eu disser: sua forma está em mim, não é uma metáfora. [...]

Figura 1. Página da Revista *Tirésias*, de Marcel Jouhandeau (reproduzida em ALEXANDRIAN, 1993, p. 320).

A homossexualidade entre os gregos, apesar dos códigos de conduta que regulavam a intimidade entre homens, ainda era vista como transgressão. Esses códigos de conduta, segundo Alexandrian (1993, p. 19), permitiam “[...] a relação amorosa entre um homem adulto e um adolescente de doze a dezoito anos”, no entanto, se a relação fosse entre dois homens adultos, era vista como repugnante e inaceitável. Essas normas de conduta ainda existem, e, mesmo que não deliberadas, regem os relacionamentos homoeróticos no século XXI.

No conto *O menino do Gouveia*, Bembém tinha de 13 para 14 anos de idade, e não havia ainda atingido a maioridade. Gouveia, por sua vez, era um homem adulto, mais velho, e que demonstra ter tido experiências sexuais com outros homens, conforme consta no trecho: “Gouveia era um hábil fancho e possuía a verdadeira arte de um amador de bons cus”. (MALUCO, 2017, p. 39)

A temática da homossexualidade, por séculos, teve seu espaço reservado, mesmo que clandestinamente, para publicações com teor homoerótico. Além de Meleagro de Gádara, poeta do século I a.C., que descrevia seus sentimentos por outros rapazes, tem-se, no século XVII, muito depois,²⁰⁵ a homossexualidade como tema em muitas obras, como as do escritor Ferrante Pallavicino.

Em *Alcibiade fanciullo a scola* (Alcibiades menino na escola), impresso em Genebra em 1652, tem-se o diálogo do jovem Alcibiades com seu professor, Philotime. Na compreensão de Alexandrian (1993), o livro erótico faz uma crítica aos professores primários que gozam da sua condição de poder para aliciar alunos inocentes e sem experiências sexuais. O professor se declara ao jovem Alcibiades, utilizando os mais diversos argumentos para seduzir o rapaz, que tenta resistir às investidas, mas os argumentos são contundentes e, por esse motivo, acaba cedendo aos encantos do mestre.

A pretensão de citar esta obra específica, entre tantas outras no decorrer de séculos, tem o objetivo de mostrar que as relações amorosas entre jovens e adultos eram comuns e até aceitas pela sociedade da época. O próprio professor argumenta que “[...] as relações amorosas de um adulto com um menino entre nove e dezoito anos são as mais proveitosas para ambos”. (ALEXANDRIAN, 1993, p. 135)

No Brasil, Gregório de Matos e Guerra (1636-1696) foi um precursor ao utilizar nos seus poemas satíricos a exaltação da homossexualidade. “Marinículas” é um de seus poemas mais famosos, e talvez pela primeira vez a temática do homoerotismo é abordada literariamente no país, ao fazer alusão a Nicolau de Tal, protegido do Rei D. Pedro II, provedor da Casa da Moeda em Lisboa.

Observa-se, nas estrofes do poema “Marinículas” apresentadas abaixo, a sátira que Gregório de Matos faz às relações homoeróticas, valendo-se de termos pejorativos:

Marinícolas todos os dias
O vejo na sege passar por aqui,
Cavalheiro de tão lindas partes,
Como, *verbi gratia*, Londres e Paris (MATOS, 2010, p. 129)

²⁰⁵ No intervalo de I a.C. até o século XVIII sempre houve publicações com a temática do homoerotismo.

É notório que a abordagem da homossexualidade em “Marinículas” é negativa, pois Gregório de Matos a utiliza para satirizar Nicolau de Tal, por quem tinha certo desprezo. Para Wisnik (2010),

Marinículas se exercita nas formas de troca homossexual, ao mesmo tempo em que é o provedor da Casa da Moeda, e o oportunista que ascende (*que troca tudo pela troca*: personagem que patenteia a visão do *desconcerto do mundo* na sátira de Gregório de Matos). (WISNIK apud MATOS, 2010, p. 27)

A obra *O Bom-Crioulo* (1895), do autor naturalista Adolfo Caminha, também é um marco na literatura brasileira no que se refere à temática homoerótica, pois a tratou de forma aberta, mesmo sem ter recepção positiva pela sociedade do final do século XIX. Segundo Trevisan (2018), foi a primeira vez que apareceu na literatura brasileira um protagonista negro e homossexual. Além disso, o romance aborda a homossexualidade entre militares e negros escravos, o que foi audacioso para a sociedade do final do século XIX.

No limiar da publicação do romance de Adolfo Caminha, em 1914, foi publicado *O menino do Gouveia*, por Capadócio Maluco, considerado o primeiro conto homoerótico que se tem notícia na literatura brasileira, e, portanto, mais uma publicação subversiva para os padrões burgueses. A temática da homossexualidade no conto causou muitas críticas e os dispositivos de interdição foram acionados para conter a incitação aos discursos sobre a sexualidade homoerótica masculina. Em 1914, ano em que o conto foi publicado, a sociedade burguesa ainda estava imersa nos códigos de conduta que regulavam a sexualidade masculina.

Para Foucault (1988), desde o século XVII, época que classifica como o início de repressão das sociedades burguesas em relação à sexualidade, tornou-se mais difícil controlar a circulação dos discursos “pecaminosos” e determinar regras entre as fronteiras do proibido e da aceitabilidade dos discursos sobre ela. A repressão, ao contrário do que desejava a sociedade burguesa, estimulou cada vez mais que os discursos proibidos proliferassem, mesmo que clandestinamente.

No entendimento do autor,

[...] não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de

outros pontos de vista e para obter outros efeitos. O próprio mutismo, aquilo que se recusa dizer ou que se proíbe mencionar, a discrição exigida entre certos locutores não constitui propriamente o limite absoluto do discurso, ou seja, a outra face de que estaria além de uma fronteira rigorosa mas, sobretudo, os elementos que funcionam ao lado de (com e em relação a) coisas ditas nas estratégias de conjunto. (FOUCAULT, 1988, p. 33)

Desse modo, percebe-se que as interdições, ao longo dos séculos, não conseguiram impedir que os discursos da sexualidade circulassem; ao contrário, a proibição desperta curiosidades.

2 Erotismo, pornografia e obscenidade

O conceito de erotismo surgiu no contexto europeu, oriundo de obras gregas, latinas, francesas, entre outras, e, por isso, varia de acordo com o contexto histórico de produção e as interdições a que foram submetidas, relacionadas a um determinado contexto moral. Del Priore (2014, p. 15) explica que, “[...] em 1566, é dicionarizada na França, pela primeira vez, a palavra erótico”. Nesse contexto, o erótico estava relacionado ao amor e tudo o que dele proceder.

No entendimento de Alexandrian (1993), a distinção entre erótico e pornográfico é inepta, pois os conceitos servem apenas para atender a demanda social de separar o que é proibido daquilo que é aceitável para uma determinada sociedade. O autor acredita que o

[...] raciocínio é tanto mais inepto quanto ninguém consegue explicar a diferença entre um e outro. E com razão: não há diferença. A pornografia é a descrição mais pura e simples dos prazeres carnis; o erotismo é essa mesma descrição revalorizada em função de uma ideia do amor ou da vida social. Tudo o que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais. (ALEXANDRIAN, 1993, p. 8)

Preti (2010), em *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*, faz um levantamento sobre as revistas e jornais humorísticos, algumas de caráter popular e outros não oficiais, com o objetivo de

analisar as produções a partir da descoberta do Dicionário Moderno,²⁰⁶ publicado em 1903 pelo francês Albert Audubert. O autor não analisa a revista *Rio Nu*, especificamente, mas a classifica junto de outras²⁰⁷ da época como publicação de cunho obsceno-cômico.

Para o autor, quase todas as revistas

[...] caracterizavam pelo uso de uma linguagem dúbia, maliciosa, em que o elemento obsceno velado era fruto da exploração da polissemia dos vocábulos, dos jogos de palavras e trocadilhos, invariavelmente traziam na apresentação uma grande charge, quase sempre de fundo erótico, que tomava toda a primeira página. (PRETI, 2010, p. 30)

Tem-se, pois, a tríade erotismo-pornográfico-obsceno, mas os limites que separam os conceitos são tênues, o que não colabora para classificar as obras, e que até poderia fechar as possibilidades que o texto literário tem como instância interpretativa. Desse modo, as classificações de erótico, pornográfico e obsceno têm mais caráter informativo que analítico, e estão direcionadas “[...] sob a perspectiva moral [...] cujos conceitos continuamente se renovam dentro de uma comunidade”. (PRETI, 2010, p. 81)

Preti (2010) salienta que a obscenidade é definida por uma cultura específica e depende da época em que o vocábulo foi proferido. Essa associação entre os termos é tão verdadeira que “[...] o recuo da obscenidade tradicional e a difusão massiva da pornografia estão inegavelmente ligados. Aliás, propriamente, a literatura pornográfica origina-se no universo da obscenidade” (MAINGUENEAU, 2010, p. 29). Preti (2010) e Maingueneau (2010) afirmam que as instâncias entre os termos dependem do contexto em que foram produzidos e utilizados, de maneira que classificar as obras utilizando essas nomenclaturas não corrobora para entender se um texto se encaixa em uma ou outra.

²⁰⁶ Dicionário Moderno (organizado por Bock). In: PRETI, D. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: LPB, 2010.

²⁰⁷ *O Coió, O Rio Nu, O tagarela, O Gavroche, O pau, Fiau!, O Nu, Século XX, O Mês, Tam-Tam, O Diabo, O Degas, O Trapo, O Badalo, Os Toantes, A banana, O Nabo, O Emapata, Está Bom, Deixa.*

O gênero pornográfico, historicamente, sempre esteve renegado, fadado ao desprivilégio em relação a outros que remetem à sexualidade. A literatura pornográfica é considerada produção clandestina, à margem, obscura, censurável, e sempre evoca algo de proibição. Maingueneau (2010, p. 30) destaca que é “[...] muito mais que a obscenidade, a pornografia é regularmente contraposta ao erotismo, com o qual ela faz dupla. A valorização do erotismo, aliás, permite a muitos condenarem a pornografia, julgada como elementar, sem incorrer na pecha dos puritanos”.

Diante dessas definições e tantas controvérsias acerca dos limites entre o erotismo, o pornográfico e o obsceno, pode-se classificar o conto *O menino do Gouveia* na triade erótico-pornográfico-obsceno, pois ele reúne todas essas nuances estéticas, que não se limitam, mas se completam.

3 Análise comparatística: revistas *O Malho* e *Rio Nu*

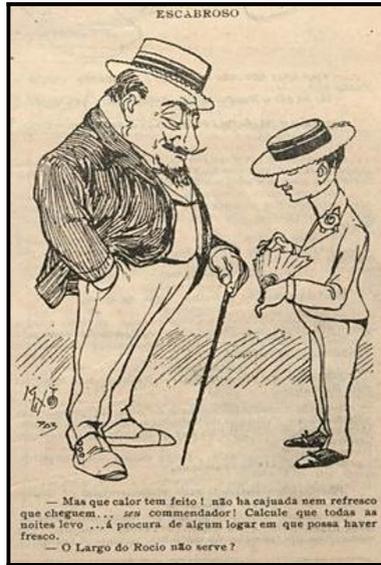
A temática da sexualidade, após anos de repressão sexual, começou a surgir em algumas revistas que circulavam no Brasil no início do século XX. A primeira publicação, lançada em 1812, na cidade de Salvador, estado da Bahia, tinha como título *As Variedades ou Ensaios de Literatura*. Nela eram publicados temas como as virtudes morais e sociais da época, história antiga, anedota, resumos de viagens, entre outros, considerados mais sérios no contexto. Outras revistas²⁰⁸ surgiram, mas sempre com publicações que exaltavam a nacionalidade e atendiam a elite brasileira em ascensão no cenário político.

Em 1827, foi criada a revista *Espelho de Dimantino*, a primeira destinada ao público feminino brasileiro, e “[...] trazia temas como literatura, artes, teatro, política, moda, crônicas e anedotas, todos escritos de forma simples e didática para servir ao gosto das senhoras brasileiras” (BAPTISTA; ABREU, 2010, p. 2). Entre essas publicações do início do século XX, interessa analisar neste artigo duas revistas que começaram a publicar contos eróticos para o público masculino heterossexual: *O Malho* e *Rio Nu*.

O primeiro número da revista *O Malho* foi publicado em setembro de 1902, e, por mais de meio século, a revista semanal publicou textos que ironizavam a política nacional, por meio de charges e caricaturas

²⁰⁸ O Patriota (1813); Anais Fluminenses de Ciências, Artes e Literatura (1822); O Propagador das Ciências Médicas (1827).

produzidas pelo francês Crispim do Amaral. Em março de 1903, a revista publicou uma charge intitulada *Escabroso*, que retratava o comportamento e as aventuras eróticas de um homem de formas afeminadas no Largo do Rossio²⁰⁹, no Rio de Janeiro, local hoje conhecido como Praça Tiradentes. A charge é bem representativa da figura do homem afeminado, que remete à personagem de Bembém do conto *O menino do Gouveia*, e faz alusão à imagem de um homem mais maduro e outro mais franzino, conforme representado na Figura 2, abaixo:



²⁰⁹ Em 1690 chamava-se Rossio Grande, em clara alusão ao Largo do Rossio lisboeta; mais tarde, passou a Campo dos Ciganos, devido à chegada, de Portugal, de um grupo desses nômades, que ali montaram por algum tempo suas barracas. A partir de 1747, com a construção da Capela de N^a S^a da Lampadosa, passou a ser conhecida como Campo da Lampadosa. Em 1808, passou a ser o Campo do Polé, graças à instalação, no local, de um pelourinho. Em 1821, passou a ser chamada Praça da Constituição; D. Pedro, assumindo o posto de Príncipe Regente, jurou fidelidade à Constituição Portuguesa de uma das varandas do Real Teatro São João que ficava onde, hoje, encontra-se o Teatro João Caetano. Em 1890, passou a se chamar Praça Tiradentes (IBGE, 19--).

Figura 2. Charge “Escabroso” Ilustração de K. Lixto [Calisto Cordeiro]. Revista *O Malho* (Rio de Janeiro), Número 28, 28 de março, 1903, p. 16. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20191&pesq=>>. Acesso em: 11 mai. 2019.

Como afirma Green (2000), a ilustração

[...] capta a cena de dois homens conversando. Um deles é um homem maduro, corpulento, quase monstruoso em tamanho, com cavanhaque, bengala, e de uma aparência masculina um tanto grosseira. O outro personagem, um homem de constituição mais franzina e um bigode mais sutil, está vestido de modo estiloso e tem uma flor na lapela. Ele olha para baixo, recatadamente, e segura um leque na mão esquerda. O dedo mindinho sugere efeminação. (GREEN, 2000, p. 66)

A charge é acompanhada do seguinte texto, que sugere um encontro homoerótico entre um homem mais velho e um rapaz com traços femininos: “*Homem pequeno*: ‘Mas que calor tem feito! Não há cajuada, nem refrescos que cheguem... seu comendador! Calcule que todas as noites levo... à procura de algum lugar em que possa haver fresco’. *Homem grandalhão*: ‘O largo do Rossio não serve?’ (O MALHO apud GREEN, 2000, p. 67).

No ano seguinte, em 1904, a revista *O Malho* publicou *Fresca Theoria (Requerimento)*, outra charge que faz referência ao homem afeminado, que buscava prazeres sexuais com outros homens no Largo do Rossio, cujas características são nítidas na charge que ilustra o texto *Fresca Theoria*, como se vê na Figura 3:



— Ante a cruel derrocada
Do Rocio dos meus sonhos,
A musa desocupada,
Embora em versos tristonhos,
Vai jogar uma cartada:

É bem dura a colisão
Que me tolhe a liberdade
Desta ingrata profissão;
E ao prefeito da cidade
Requeiro indemnização.

Figura 3. Charge *Fresca Theoria* (Requerimento). Ilustração *O malho*. Rio de Janeiro. Número 93, 25 de junho, 1904, p. 33. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20191&pesq=>>. Acesso em: 11 mai. 2019.

No fundo da imagem aparece a Praça Tiradentes, endereço de encontros homoeróticos e prostituição. O verso “Desta ingrata profissão” sugere que a prostituição nesse espaço era intensa, pois era frequentado por homens e mulheres que ofereciam seus serviços sexuais. Os homens, segundo Green (2010, p. 61), “[...] que buscavam outros homens para relações fortuitas beneficiavam-se da moralidade frouxa nessa parte da cidade para satisfazer seus próprios prazeres”.

O Rossio ficava nos arredores do centro antigo do Rio de Janeiro. Em 1862, D. Pedro II reergueu nele a estátua de D. Pedro I, com a finalidade de celebrar o 40º aniversário da independência brasileira, e, em

1890, com a aproximação do centenário de morte de Joaquim José da Silva Xavier, o local passou a ter o nome de Praça Tiradentes.²¹⁰

Green (2000, p. 59) esclarece que, “[...] apesar da mudança do nome oficial, a praça continuou a ser o Largo do Rossio no imaginário e no linguajar dos cariocas da virada do século, e ainda era associada, pela maioria das pessoas, a um lugar de encontros eróticos homossexuais”. A Praça do Rossio é mencionada na maioria das publicações da época, pois faz referência direta ao ambiente em que os rapazes se encontravam para as relações homoeróticas.

Toda a praça foi revitalizada ao redor da estátua, com jardins, bancos, e um belo paisagismo. Com a inauguração da praça, as atividades homoeróticas, clandestinas, no espaço reservado ao “patriotismo”, tornaram-se tão intensas que foi necessária a intervenção da guarda municipal, uma das várias providências tomadas para impedir que os homens continuassem a praticar relações sexuais no parque. Mas toda essa vigilância não surtiu muito efeito, pois os homens continuavam usando o parque como ponto de encontro.

Nos arredores da Praça Tiradentes havia várias outras opções de diversão, como cafés, restaurantes, bares, teatros, cinemas, cabarés, entre tantos outros espaços que serviam como ponto de encontro para homens que buscavam diversão e sexo. Quando os frequentadores da praça não estavam satisfeitos com o público, “[...] os homens cariocas podiam também perambular por mais alguns quarteirões e buscar companhia ou prazeres carnis num outro vibrante centro da vida noturna do bairro da Lapa”. (GREEN, 2000, p. 60)

Mas há indícios de que perseguições e vigilância foram direcionadas ao público homossexual. Além dos encontros homoeróticos, a prostituição feminina também se fazia presente, mas, como

[...] o número de jornalistas, intelectuais, artistas e políticos de famílias bem-relacionadas que procurava mulheres nos arredores da praça Tiradentes e em outras regiões do centro era elevado demais para que a polícia pudesse efetivamente ocupar-se em livrar áreas da prostituição feminina. (GREEN, 2000, p. 61)

²¹⁰ A Praça recebe esse nome por acreditarem que Tiradentes tenha sido torturado e executado nas imediações.

No trecho acima, fica claro que as relações homoeróticas e heteroeróticas na Praça Tiradentes não tinham o mesmo tratamento em relação às proibições no espaço público. Verifica-se, pois, que a homossexualidade era vista com algo repugnante, digna de extermínio pelos grupos majoritários da sociedade. E proibições, além da negação da identidade do homossexual e enaltecer a identidade heterossexual, são perceptíveis ainda no século XXI no Brasil.

Em uma recente entrevista do presidente Jair Messias Bolsonaro, publicada pela revista *Isto é*, em 26 de abril de 2019, este afirma, durante um café com os jornalistas no Palácio do Planalto, que o Brasil “não pode ser o país do turismo gay”. Essa declaração apenas confirma que a homofobia está longe de ser extirpada da sociedade e da política de extrema direita do Brasil. Além disso, o Presidente afirmou, segundo a revista digital *Crusoe*, que, se alguém “[...] quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. O Brasil não pode ser um país do mundo gay, de turismo gay. Temos famílias”. (CRUSUÉ apud *ISTO É*, 26 de abril de 2019)

O discurso do Presidente da República, chefe de Estado, entre tantos outros que já proferiu, aceita que a prostituição feminina é legal, chancelada pelo poder público. Entretanto, restringe o conceito de família aos casais heterossexuais.

Em 1º de março de 1898, foi eleito Presidente do Brasil Manoel Ferraz de Campos Sales e seu vice Francisco de Assis Rosa e Silva, período em que o país passava por uma grave crise econômica. Nesse cenário, surgiu a revista *Rio Nu* (1898), que trazia em suas páginas muito humor, charges ilustradas, piadas maliciosas, canções, poemas e anúncios de remédios.

As “[...] charges misturavam-se a folhetins com histórias ‘apimentadas’ e uma grande participação dos leitores que, no lugar dos jornalistas, abasteciam a revista de ‘causos’ recheados de passagens provocantes [...]” (DEL PRIORI, 2014, p. 133). O grande sucesso de público da revista *Rio Nu* “[...] era garantido por imagens de nudez feminina. Nudez que não era mais sinônimo de pobreza, mas de lubricidade, insistentemente sugerida em fotos e palavras”. (Ibidem, p. 135)

No site da Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira) é possível ter acesso aos originais da revista *Rio Nu* que foram recuperados, digitalizados e disponibilizados para pesquisa. A primeira publicação disponível na Hemeroteca Digital é a de n.º 2, datada de 21 de maio de 1898. Acredita-se que, por ser semanal, com alguns intervalos de 15 dias

(n.º 34 - 19/10/1898 e a n.º 35 - 02/11/1898), a revista de n.º 1 tenha sido lançada por volta de 07 de maio de 1898.

Na publicação n.º 1577, de 10 de janeiro de 1914, sábado, foi encontrada a primeira menção ao conto *O menino do Gouveia*:



Figura 4. Rodapé da Revista Número 1577, de 10 de janeiro de 1914, p. 8.
Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/pdf/706736/per706736_1914_01577.pdf>.

Acesso em: 11 mai. 2019.

Nota-se que o conto ainda não estava disponível ao público leitor, pois se encontrava em fase de escrita, o que reforça a ideia de que os contos da revista *Rio Nu* eram produzidos por encomenda. A revista anunciou *O menino do Gouveia* nos números 1577, 1578, 1580. Já no exemplar de n.º 1581, de 7 de fevereiro de 1914, há indício que o conto foi publicado e disponibilizado para venda a seus leitores, conforme se vê nas figuras abaixo:

ALBUNS DE VISTAS — Collecção de Fogo, contendo cada um oito gravuras tiradas do natural, impressas em papel *couché* de 1ª qualidade e acompanhadas de bellos versos explicativos de cada scena representada. Estão publicados os ns. 1, 2, 3, 4 e 5. Preço de cada um, 1\$000; pelo Correio 1\$500.

O TIO EMPATA — N. 1 dos *Contos rapidos* — Engraçadissimo conto, escripto em linguagem livre, em que o autor se vê barrado pelo tio na occasião em que ia gosar as caricias dos *cachorrinhos* de duas primas donzellas — Preço 300 rs.; pelo Correio 500 rs.

A MULHER DE FOGO — N. 2 dos *Contos rapidos* — Mesma linguagem. Historia de uma mulher fogosa que casou com um inglez. Preço, 300 rs.; pelo Correio 500 rs.

D. ENGRACIA, n. 3 dos *Contos Rapidos* — Narração das aventuras de um rapaz em casa da madrinha. Preço, 300 réis; pelo Correio, 500 réis.

FAZ-TUDO — N. 4 dos *Contos Rapidos* — Impressões de um tabaréo sobre uma mulher da rua do Senado. Preço, 300 réis; pelo Correio, 500 réis.

A VIUVA ALEGRE — N. 5 — dos *Contos rapidos* — Historia de uma viuvinha que começa a alegrar-se durante o velorio do marido.

O MENINO DO GOUVEIA — N. 6 dos *Contos Rapidos*. Narração minuciosa da vida de um pequeno que cahiu nas unhas do Gouveia. Preço, 300 réis; Pelo Correio 500 réis.

Todos os livros acima citados são illustrados com gravuras tiradas do natural.

Figura 5. Anúncio do Conto *O Menino do Gouveia*. *Rio Nu*, número 1581, de 07 de fevereiro de 1914, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/706736/per706736_1914_01581.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2019.

A propaganda que anuncia o conto n.º 6 (*O menino do Gouveia*), da Figura 5, é assim descrito pela revista: *O menino do Gouveia* – N. 6 dos *Contos Rápidos*. Narração minuciosa da vida de um pequeno que cahiu nas unhas do Gouveia. Preço, 300 réis; Pelo correio 500 réis. Todos os livros acima citados são illustrados com gravuras tiradas do natural” (*RIO NU*, 1914, p. 6). O outro indicio de que o conto foi publicado em forma de fascículos está na Figura 6, pois, no anúncio, ele aparece como disponível, e não “em preparo”, como consta na Figura 4.

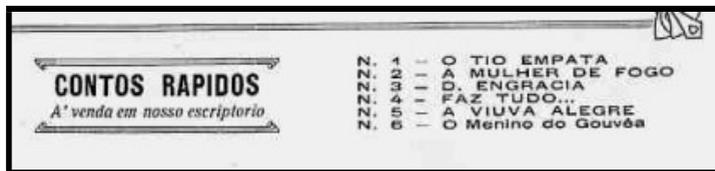


Figura 6. Rodapé da Revista *Rio Nu*, número 1581, de 07 de fevereiro de 1914, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/706736/per706736_1914_01581.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2019.

O n.º 1732 da revista *Rio Nu*, seu último, foi publicado no dia 30 de dezembro de 1916, de modo que seu período de existência foi de 1898 até 1916. O conto “O menino do Gouveia, depois da primeira publicação, foi anunciado em todos os números da revista”, até o número 1731, de 29 de dezembro de 1916, por quase três anos. Esses dados são importantes para se pensar na existência de um público leitor desses contos, denominados pela revista de *Contos Rápidos*.

Segundo a revista *Rio Nu*, os *Contos Rápidos* apareciam em todos seus números, e foram publicados 20 no período 1898 até 1916, todos ilustrados com gravuras tiradas do natural. No site da Hemeroteca Digital Brasileira não há publicações dos anos de 1901 e 1902, não se sabe ao certo se por interrupção nas publicações durante esses dois anos, ou pela impossibilidade de resgatá-las e digitalizá-las.

A Figura 7, a seguir, descreve as características dos contos publicados pela revista *Rio Nu*, ressaltando o caráter livre da linguagem empregada nos mesmos.

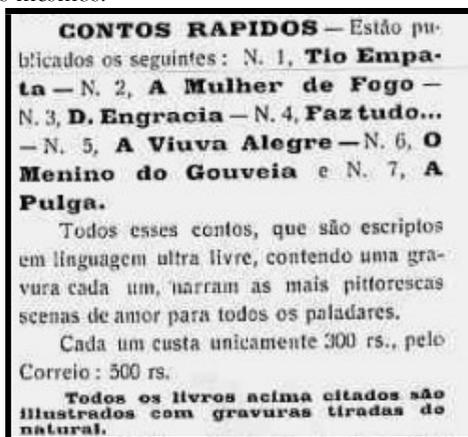


Figura 7. O Rio Nu, número 1588, de 28 de abril de 1914, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/706736/per706736_1914_01588.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2019.

4 As relações homoeróticas no conto *O menino do Gouveia* e na revista *O Malho*

O enredo do conto *O Menino do Gouveia* confunde-se com o panorama histórico da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. Alguns trechos do conto (re)visitam o Largo do Rossio, no centro da cidade, e também ressaltam a explosão demográfica da mesma, bem como a imigração de estrangeiros, e o número de homens, que, segundo Green (2000), ultrapassava mais que o dobro de mulheres. Nesse cenário, “[...] milhares de jovens solteiros perambulavam pelas ruas do maior centro urbano do Brasil em busca de trabalho, diversão, companhia e sexo” (op. cit., p. 52), e os encontros homoeróticos aconteciam no Largo do Rossio.

A sexualidade do Bembém, que morava com o tio, aflorou por volta dos seus 13 para 14 anos, período em que os desejos começaram a consumi-lo por inteiro, e ele esperava que estes fossem supridos. Sempre “[...] andava a espreitar a ocasião em que algum criado, ou mesmo meu tio, iam mijar, para deliciar-me com o espetáculo de um caralho de homem” (MALUCO, 2017, p. 28). Além do tio, havia outros homens na casa, o que possibilitava a Bembém visualizar e sentir prazer através do seu imaginário: “[...] havia então, entre os empregados, um que possuía um paratílevas que era mesmo um primor de grossura e comprimento, fora a cabeçorra formidável. Uma destas picas que nos consolam até a alma!” (ibidem, p. 28). Esses trechos demonstram a sexualidade desenfreada de Bembém, que ainda não sabia lidar com os desejos que o perturbavam todos os dias.

Após inúmeras tentativas de sentir os prazeres proibidos com o tio e os criados da casa, Bembém decidiu, após ser expulso pelo tio, perambular pelas vielas do centro do Rio de Janeiro para tentar suprir os seus desejos. O discurso estereotipado do homem afeminado já era veiculado nas revistas do Rio de Janeiro da época antes da publicação do conto *O Menino do Gouveia*. Na revista *O Malho*, por exemplo, como mostra a Figura 3 deste artigo, verifica-se que a publicação de charges que mostravam homens com formas afeminadas acontecia, mesmo não sendo uma prática comum para os padrões da época.

Em outras edições da revista *Rio Nu*, observam-se publicações de cunho homoerótico, mesmo com o objetivo de ridicularizar a figura do homem afeminado, que podem ter aberto espaço para a publicação do

conto o “Menino do Gouveia”. Na Figura 8, abaixo, publicada em 1909, logo, anteriormente a 1914, nota-se a presença de charges e textos que mencionavam as relações homoeróticas.



Figura 8. O Rio Nu. Número 1124, de 21 de abril de 1909, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/706736/per706736_1909_01124.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2019.

No texto que acompanha a charge, “– E digam depois que não há quem goste de ser montado... Reparem a carinha gostosa que faz esse homem-égua... sentindo o Gouveia montado n'ele...” (RIO NU, 1909, p. 5), são nítidas as relações entre Gouveia e os homens afeminados. Dessa forma, o nome Gouveia não é um substantivo próprio que dá nome a uma pessoa específica, mas possui uma abrangência bem maior e aparece em muitas publicações da revista *Rio Nu*, estando relacionada com fanchono. Segundo Green (2000), o termo faz alusão aos indivíduos que procuram prazeres sexuais com indivíduos do mesmo sexo, denominado de pederasta ativo. A Figura 8 representa exatamente essa ideia do ativo (montado), o homem-égua (passivo).

Quando Bembém viu, pela primeira vez, o objeto de seus desejos, assim o descreveu: “Eu então pude ver, com toda a dureza que uma tesão completa lhe dava os vinte e cinco centímetros de nervo com que a

Natureza o brindaria. Que porra!” (MALUCO, 2017, p. 31). É interessante ressaltar que o narrador usa várias palavras para se referir ao pênis – porra, caralho, paratilevas, pica, mangalho, membro viril, porrudo, nabo – talvez com o objetivo de dar o teor erótico que a história requer. Trata-se de termos que, no imaginário popular, são ligados à virilidade, ao que penetra, está por cima, aquele que controla.

Em contrapartida, as palavras utilizadas no conto para definir o “passivo” são colocadas com a ideia de gerar significados de submissão: enrabado, puto, tomar dentro, bunda, cú [sic], cagueiro, ânus. Segundo Saez e Carrascosa (2016, p. 27), “[...] o cu é o grande lugar da injúria, do insulto. Como vemos em todas essas expressões cotidianas, a penetração anal como sujeito passivo está no centro da linguagem, do discurso social, como o objeto, o horrível, o mal, o pior”.

Portanto, os termos utilizados para definir o sujeito ativo o enaltecem, o engradem, o enobrecem; enquanto os termos usados para definir o sujeito passivo o denigrem, o colocam à margem nas relações sexuais homoeróticas. A posição sexual do menino Bembém, conforme a Figura 9, abaixo, representa essa ideia de passividade, de imobilidade no ato sexual, e acompanhava o conto “O menino do Gouveia”.

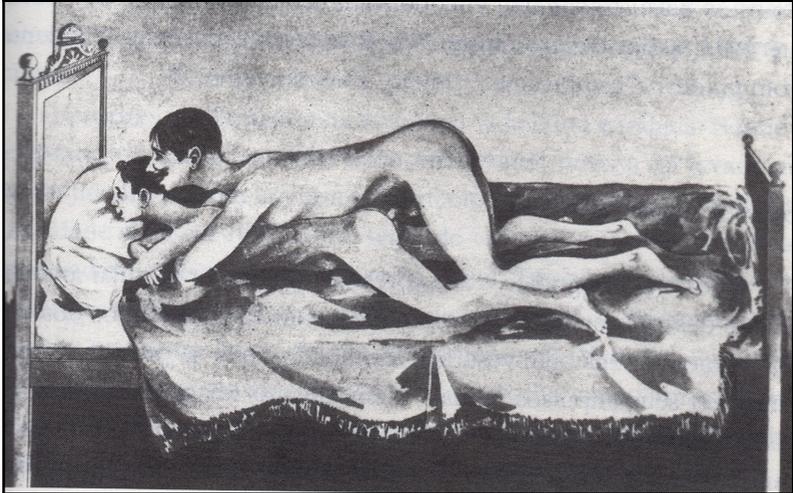


Figura 9. Ilustração para o conto *O menino do Gouveia* (1914). Cortesia da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (GREEN, 2000, p. 71).

A sexualidade, nas mais diversas configurações, sempre esteve atrelada ao poder que os parceiros exercem no ato sexual; e a associação do passivo nas relações homoeróticas está intimamente relacionada com a ideia do papel que a mulher exerce (passiva) nas relações heterossexuais. No entendimento de Saez e Carrascosa (2016),

[...] ser ativo ou passivo se associa historicamente a uma relação de poder binário: dominador-dominado, amo-escravo, ganhador-perdedor, forte-fraco, poderoso-submisso, proprietário-propriedade, sujeito-objeto, penetrador-penetrado, isso tudo dentro de outro esquema subjacente de gênero: masculino-feminino, homem-mulher. (SAEZ; CARRASCOSA, 2016, p. 30)

No conto em questão, Gouveia é quem exerce o papel de dominador, penetrador, macho ativo; enquanto Bembém é aquele que é dominado, submisso e exerce o papel da mulher na relação sexual, como se percebe no trecho que segue:

[...] o meu iniciador na putaria deixou-me então a boca e veio sugar-me os pequenos bicos de meus peitos. Recebi com [o] um choque elétrico; a natureza, para provar que eu vim ao mundo para tomar na bunda, pôs-me nos **seios** a qualidade **feminina**, isto é, às carícias do Gouveia eles responderam ficando eretos, empinadinhos, tal qual como se fosse **mulher**. (MALUCO, 2017, p. 40, grifo nosso)

5 Algumas considerações

As revistas *Rio Nu* e *O Malho* mostram, nas publicações destacadas, com viés homoerótico, personagens afeminadas que sempre exercem o papel passivo nas relações, sendo o ativo e um personagem mais velho, que representa a experiência e o domínio de ser um bom penetrador. O estigma do passivo sexual, assim como define Misse (1981), dá-se pelo binarismo homem *versus* mulher.

As relações heterossexuais são definidas como “normal” e o homossexual como o “estigmatizado”. Assim,

[...] o ‘normal’ é associado ao estereótipo de ‘ativo’ e o ‘estigmatizado’ ao do ‘passivo’, correspondendo o primeiro à função sexual do heterossexual masculino e o segundo, à

função sexual do heterossexual feminino. Por extensão, e numa ordem inversa, o homossexual masculino ‘passivo’ e o homossexual feminino ‘passivo’ corresponderão ao ‘estigmatizado’, e o homem homossexual masculino ‘ativo’ e feminino ‘ativo’ equivalerão ao ‘normal’. (MISSE, 1981, p. 33)

O binarismo homem *versus* mulher é que definia as relações sexuais e a sexualidade, de forma geral. O contexto das revistas contribuiu para que as publicações com teor homoerótico tivessem charges e textos que representassem o homossexual como afeminado para se aproximar de características, muitas vezes preconceituosas, da mulher da época, sempre representada em situações de vulnerabilidade em relação ao homem.

Segundo Green (2010, p. 69), “[...] tudo indica que o autor anônimo de *O Menino do Gouveia* era participante real da vida sexual no mundo dos parques públicos do Rio de Janeiro”. Compartilha-se da hipótese apresentada pelo autor, segundo o qual Capadócio Maluco participava dos encontros homoeróticos da Praça Tiradentes. Os detalhes do conto, as cenas que se passam no Largo do Rossio, os detalhes e os pormenores da história amorosa entre Bembém e Gouveia são precisos e descrevem como as relações amorosas possivelmente ocorriam naquele ambiente.

Foi feito um levantamento das publicações e se constatou que as sedes da revista *Rio Nu* ficavam no Largo de São Francisco, Travessa do Ouvidor, Rua Nova do Ouvidor, Rua da Assembleia n.º 73 - sobrado, Rua da Alfandega n.º 183, Rua da Carioca n.º 53 - sobrado e, por último, na Rua do Hospício n.º 218. Todos esses lugares ficavam próximos à Praça Tiradentes e, por isso, os olhares dos redatores estavam próximos das cenas e dos fatos que aconteciam na praça.

As publicações homoeróticas nas revistas são um retrato social da época e mostram como ocorriam as relações entre dois homens na Praça Tiradentes, historicamente repreendidas e condenadas pela sociedade. Por outro lado, essas relações heteroeróticas aconteciam no mesmo ambiente e não eram repreendidas, pois tinham a chancela do Poder Público, de modo que não havia repressão por parte do Estado.

Essa ideia de punição dos homossexuais, ainda no século XXI, reforça o tratamento não igualitário para punir as relações sexuais em espaços públicos. Embora existam leis que coíbam qualquer tipo de ato obsceno nesses espaços, o que se conhece como atentado ao pudor, estas

ainda são toleradas, ao passo que as relações homoeróticas são punidas exemplarmente.

O interdito da sexualidade e as proibições, em todas as épocas, não conseguiram fazer com que as relações homoeróticas fossem banidas da sociedade, de forma que elas não deixaram de existir. Entende-se, pois, que os discursos de uma dada sociedade/época, que tentam interditar as práticas homoeróticas, não são suficientes, afinal, a sexualidade homoerótica é legítima.

As publicações da revista *O Malho*, de cunho homoerótico, que antecederam a publicação do conto *O Menino do Gouveia*, de alguma forma contribuíram para que a revista *Rio Nu* ousasse publicar um conto homoerótico, com linguagem despojada e que retratasse tão bem as relações homoeróticas na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro. Se a intenção das publicações da revista *O Malho* era mostrar as relações homoeróticas com a finalidade de ridicularizar o homossexual afeminado nos textos e nas charges, acabou por contribuir para que essas discussões chegassem ao leitor e à sociedade em geral, e pudessem ser um material rico e necessário para desmitificar os preconceitos que imperam acerca das relações amorosas entre dois homens. O nome da revista surgiu exatamente da ideia de “malhar” (falar mal, difamar) as instituições, políticos e a sociedade da época. Isso reforça o porquê de as charges homoeróticas aparecerem sempre com a figura do homem afeminado *versus* homem “macho”.

A publicação do conto *O menino do Gouveia*, ao retratar a homossexualidade com uma linguagem *ultra livre* e sem nenhum pudor, contribuiu para o fomento das discussões sobre as relações homoeróticas a partir do texto literário (conto). Afinal, transgredir as normas preestabelecidas é um ato de coragem.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRIAN. *História da literatura erótica*. Tradução de Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BAPTISTA, Í. C. Q.; ABREU, K. C. K. A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentando mercado editorial. *Revista Científica Plural*, Tubarão-SC, 4ª ed., p. 1-27, jul. 2010. Disponível em: <http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/edicao_atual.htm>. Acesso em: 10 mai. 2019.

- BATAILLE, G. *O erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BÍBLIA AVE MARIA. *Levítico 20:13*. 2015. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/levitico/20/>>. Acesso em: 07 jul. 2015.
- DEL PRIORI, M. *Histórias íntimas*. 2ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- FERREIRA, A. B. de H. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GREEN, J. *Além do carnaval - homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- IBGE. *Acervo dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro, [19~]. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=439818>>. Acesso em: 28 mai. 2019.
- MAINGUENEAU, D. *O discurso pornográfico*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MALUCO, C. *O menino do Gouveia*. Uberlândia: O sexo da palavra, 2017.
- MATOS, G. *Poemas escolhidos*. Seleção, prefácios e notas de organização de José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MISSE, M. *O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. 2ed. Rio de Janeiro: Achiamé/Socii, 1981.
- PRETI, D. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: LPB 2010.
- REVISTA ISTO É. “*Brasil não pode ser país do mundo gay*”, diz Bolsonaro. Disponível em: <<https://istoe.com.br/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-diz-bolsonaro/>>. Acesso em: 29 abr. 2019.
- SAEZ, J.; CARRASCOSA, S. *Pelo cu: políticas anais*. Tradução de Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4ed. revista, atualizada e ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- WISNIK, J. M. Prefácio. In: MATOS, G. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Recebido em: 04/07/19

Aceito em: 16/09/2019